

AS HISTÓRIAS: ABDUL



Nome próprio: **ABDUL**

Apelido: **KHALED**

Idade: **36**

País de origem: **AFEGANISTÃO**

Vive na **Grécia** desde: **2002**

RESUMO

Abdul nasceu numa aldeia perto de Cabul, Afeganistão, em 1981. Tem uma irmã que mora no Reino Unido. A sua mãe ainda vive no Afeganistão e perdeu o pai, assassinado pelas suas convicções políticas. Depois da fuga do Afeganistão, passou por uma grande aventura antes de, finalmente, conseguir integrar-se na sociedade grega. A sua história, até considerar-se parte integrante da comunidade, é triste, mas cheia de vislumbres de esperança.

“TEM PASSAPORTE?”

A HISTÓRIA DE ABDUL

Abdul deixou o Afeganistão em 1999, enquanto ainda estava na escola, com a vida em perigo e na sequência do assassinato do seu pai, devido às suas convicções políticas. Passou sozinho a fronteira com o Irão e morou em Teerão dois anos e meio, numa casa de um familiar. Convencido de que não tinha lá futuro, já que não tinha direitos e oportunidades, abandonou o país e foi

para Istambul. Quando chegou à Turquia, encontrou alguns amigos Afegãos que o ajudaram a arranjar trabalho de forma a obter dinheiro para comprar um pequeno barco insuflável, o seu “bilhete” para atravessar a fronteira marítima com a Grécia. Trabalhou na Turquia durante um mês. Alguns dos seus companheiros já conheciam o caminho para a fronteira e juntos foram até à praia. Era a primeira vez na sua vida que via o mar, estava ansioso, tanto mais que não sabia remar. Ele e os seus companheiros, entre eles Said, um afegão que conheceu em Istambul, esperaram até à noite. Said, fumava um cigarro, enquanto observava as luzes de Chios (uma ilha perto das fronteiras) e dizia a Abdul que no dia seguinte já se encontrariam na Europa.

A PASSAGEM PARA A EUROPA

Juntamente com outras 13 pessoas, embarcaram em 3 barcos (ele estava com uma família de cinco pessoas - uma mãe e quatro filhos) à 1:00 da noite e começaram a sua viagem através do Mar Egeu. Depois de algumas horas, viram ondas muito grandes a virem para os barcos e Abdul, sendo o único homem no seu barco, tentou assumir o controlo, mas não conseguiu virar o barco. Como resultado, a água atingiu o barco, mas, felizmente, não o afundou. Após a passagem da tempestade, desconheciam a posição dos outros barcos. Estavam exaustos, mas quando avistaram a praia, a esperança renasceu. Chegaram a Chios às 10:00 horas da manhã, continuando a desconhecer o paradeiro dos outros barcos. Pararam num café junto à praia para comprar algo para comer. Alguém do café chamou a polícia e em 10 minutos, chegaram dois policiais: “*Tem o seu passaporte?*”. Foi a primeira frase que ouviu. Não sabia o que era um passaporte, já que tinha saído ilegalmente de uma zona de guerra, e

A esposa do meu empregador cozinhava uma refeição todos os dias para nós.

AS HISTÓRIAS: ADBUL

desconhecia em absoluto os procedimentos oficiais. Respondeu: “*Eu sou do Afeganistão*”, eles pediram novamente o passaporte, respondeu não e Abdul, juntamente com a família (com as crianças e a mãe a chorar), entraram no carro da polícia. O policial abriu a porta do carro e disse “bem-vindo”. Abdul pensou que era a primeira vez que alguém era tão gentil com ele e começou a ter esperanças de estar num país europeu, com autoridades gentis, úteis e que tratam os outros com dignidade. Quando chegou à esquadra, o chefe da unidade, com a ajuda de um intérprete iraniano, perguntou-lhe se sabia onde estavam os outros barcos. Como ele não sabia, começou a gritar e a empurrá-lo. Ficou preso na esquadra, com outros refugiados, e, embora estivesse quente lá fora, ligaram o ar condicionado na temperatura mais elevada, o que fez da sua estadia na cela, durante 2 noites, um verdadeiro inferno. Depois foi transferido para um campo gerido pela ACNUR, onde estavam também outros afegãos, e onde as condições eram mais humanas. Soube, mais tarde, que um dos dois outros barcos afundara e os passageiros foram resgatados por um navio egípcio, que viajava para o Bósforo. Todos estavam vivos, exceto Said que morreu afogado nas águas do mar Egeu.

Permaneceu no acampamento durante três meses e recebeu um documento que lhe permitiu viajar pela Grécia, junto com um bilhete para Atenas. Já em Atenas, visitou a Praça Victoria, onde outros refugiados permaneciam, e perguntou-lhes onde podia dormir. Estava verdadeiramente exausto. Enviaram-no para um parque, onde dormiam outras pessoas, nos bancos e no chão. Sentia-se perdido, sem esperança, e não podia acreditar no estado em que vivia. Alguns dos refugiados estavam hospedados numa casa abandonada, onde tentou ficar. Mas a sua entrada foi proibida e não o deixaram lá ficar. Depois de alguns dias a dormir ao relento, e tendo perdido a esperança,

um empregador, que explorava ilegalmente o trabalho de refugiados, sem seguro e segurança social, pagando 5€ por doze horas de trabalho, propôs a Abdul um trabalho fora de Atenas. Sendo esta a sua única opção, Abdul foi para Tebas trabalhar nas colheitas, numa região agrícola. Chegou já de noite a um lugar com tendas, onde já se encontravam outros Afegãos a dormir no chão. No entanto, estava feliz, porque finalmente encontrava alguém do seu país que estava na mesma situação. No dia seguinte, foi transferido para um campo para colher tomates, com pessoas desconhecidas, sob um sol escaldante. Depois de duas semanas dessa rotina, o trabalho acabou e foram informados que deveriam desmontar as tendas. Entretanto, Abdul e os seus companheiros encontraram outro patrão e uma casa abandonada para ficar. Não tinham eletricidade, nem água, acendiam fogueiras quando queriam cozinhar ou aquecer-se. Uma noite, quando já não conseguia suportar por mais tempo a sujidade que sentia no seu corpo, encontrou uma poça de água da chuva no terraço da casa, com que se lavou. Passou 5 meses em Tebas e este último empregador pagou-lhe apenas metade do valor acordado.

TENTATIVA DE FUGA DA GRÉCIA

Não aguentando mais a situação, Abdul decidiu deixar o país e ir para a Itália. Viajou para Patras (de onde partiam os navios para Itália) e passou a primeira noite debaixo das estrelas. Recebia diariamente uma refeição da igreja e estava a tentar encontrar uma forma de embarcar ilegalmente, já que não tinha papéis. Um dia, tentou esconder-se no chão de um camião que ia para Itália. Quando um polícia o encontrou durante um controle ao camião, começou a bater-lhe com socos e pontapés na cabeça. Começou a gritar e o polícia deixou-o sozinho. Perdendo a esperança de deixar a Grécia, ele com mais cinco companheiros, foram para Esparta, onde conseguiram

AS HISTÓRIAS: ADBUL

trabalho nos campos, a colher laranjas. Permaneceu lá 8 meses e depois regressou a Atenas (em 2004). Tentou requerer o estatuto de refugiado, mas os refugiados eram espancados na esquadra de polícia, pelo que abandonou a ideia. De volta ao parque, é-lhe proposto ficar num apartamento com mais 14 refugiados, por 65€ por mês! Através dos seus companheiros de quarto, conseguiu encontrar um emprego, colocando telhas em casas, como membro de uma equipa de trabalho, gerida por um homem muito bom, Sr. Nikos, que era grego e o ajudou muito na aprendizagem das competências necessárias para o trabalho e na língua. A esposa do Sr. Nikos cozinhava todos os dias uma refeição para o Abdul. O Sr. Nikos ajudou no seu desenvolvimento profissional e posteriormente no estabelecimento do seu próprio negócio de colocação de telhas, em 2006, quando Abdul recebeu o cartão de refugiado, obrigatório para a emissão dos seus documentos (conta bancária, número de segurança social, etc). Abdul geria uma equipa de quatro pessoas na sua empresa, comprou um carro, e vivia com dignidade numa bela casa.

Não me queixo dos maus momentos, eles fizeram-me mais forte.

A CRISE FINANCEIRA NA GRÉCIA

A economia grega foi duramente atingida pela crise económica, facto que também afetou o negócio de Abdul. Deixou de conseguir pagar os empréstimos contraídos e os salários dos seus funcionários, e, no prazo de um ano, tinha perdido praticamente tudo. Decidiu de novo abandonar a Grécia, mas desta vez com algumas poupanças no bolso (cerca de 1500€), decidiu seguir uma rota alternativa, não de Itália, mas a partir de FYROM (a antiga República Jugoslava da Macedónia), com mais três amigos. Na fronteira entre FYROM e a Sérvia, foram apanhados, ameaçados e roubados pelas autoridades Sérvias,

e, finalmente, reenviados de volta para a Grécia. Assim que chegaram à Grécia, voltaram para FYROM e conseguiram passar a fronteira com a Sérvia. Na Sérvia, alguns traficantes propuseram-lhes a passagem de táxi para a Hungria, pedindo a cada um deles 500€. Pagaram o que foi pedido, mas, os sérvios deslocaram o grupo para o Kosovo, em vez da Hungria (!). Disseram-lhes para abandonar o carro num local onde alguns homens armados os prenderam e revistaram, para tentar encontrar dinheiro. Como já não tinham nada, libertaram-nos.

Abdul conseguiu entrar num comboio em direção à Áustria. Durante a viagem, o revisor pediu-lhe o passaporte. Abdul só tinha o seu cartão de refugiado, já caducado. Do comboio foi levado para um departamento de polícia em Viena e posteriormente transferido, de autoridade em autoridade, de campo em campo, durante 45 dias. Quando descobriram que tinha partido da Grécia, foi deportado para Atenas. Sentiu-se como se estivesse no Afeganistão, na sua cidade natal. Sentiu-se livre.

FAZER PARTE DA COMUNIDADE

Em 2012, obteve o estatuto de refugiado e juntou-se à comunidade afegã em Atenas. Como membro da Direção, decidiu ajudar outras pessoas a integrarem-se na sociedade grega e a evitar situações semelhantes às que ele viveu. Inscreveu-se num curso *on-line* de grego, oferecido pela Universidade de Atenas. Através da comunidade afegã conseguiu encontrar um emprego numa empresa de publicidade, colocando anúncios de *plexiglass*. Dois anos depois, inscreveu-se numa escola secundária e, apesar de não ter documentos, o diretor da escola comunicou com o Ministério da Educação, que confirmou que poderia frequentar as aulas e o apoiou nas suas dificuldades escolares. Na primeira vez que ouviu o sino da escola tocar,

AS HISTÓRIAS: ADBUL

depois de 19 anos, as vozes e o riso de seus colegas de turma, sentiu que tinha nascido de novo. Entretanto, deixou o trabalho na empresa de publicidade e integrou o departamento de intérpretes no Programa Ecuménico de Refugiados, em Atenas. Na comunidade, é responsável pelos projetos culturais. Também dá orientações e informações aos recém-chegados sobre a obtenção dos documentos necessários para se matricularem na escola. Somente este ano, sob a sua orientação, 6 refugiados registaram-se em escolas gregas e encorajou os membros da comunidade a envolverem-se em ações e atividades que os irão ajudar na integração na sociedade grega. Após a sua aventura de quinze anos desde que pisou o solo Grego, afirma que a sua integração foi difícil, mas valeu a pena. *“A língua é a própria identidade. Quando se fala o mesmo idioma que a sociedade em que se vive, e a atitude é agradável, ninguém o julga pela aparência ou cor, ninguém o vê como estrangeiro. Conheci muitos gregos que me trataram muito bem e não me queixo pelos maus momentos que passei, são estes momentos que nos tornam mais forte”*. Atualmente está noivo, espera criar a sua família em Atenas e aguarda a obtenção da cidadania grega. Planeia também passar nos exames de ingresso à Universidade e adquirir os saberes e as capacidades necessárias para um trabalho que lhe permita ajudar outras pessoas e tornar a sociedade melhor.